
Apresentação do Dossier

A prova de que a condição típica da nação brasileira seja o inacabamento é que, de quando em vez, cá estamos nós refundando o que seja o Brasil, o que seja literatura brasileira, o que sejam nossos traços característicos de mobilidade em busca, ostensiva ou não, de identidade. No século XIX, este movimento acompanhava a independência do país e buscava afastar-se de nossa antiga metrópole – mesmo que ao custo de se aproximar excessivamente de Paris. No começo do século XX, quer programaticamente, com o modernismo paulista, quer pragmaticamente, com o romance de 30, a inteligência nacional voltava-se para dentro, para nossa língua, nossas regiões, nossos costumes – embora possamos ver, sem grande dissenso, que esta segunda formação deixou mais gente de fora do que de dentro. Já nos anos de 1960, em torno dos debates e embates guerra fria, pode-se falar em novo influxo nacionalista, perceptível no campo da política institucional propriamente dita, nas conquistas e contradições do projeto desenvolvimentista, nas mobilizações dos movimentos sociais organizados e nas discussões acirradas no campo estético e cultural, num conjunto que, se por um lado levaria à reação do golpe civil-militar de 1964 (em boa medida desferido em nome de concepções nacionalistas “corretivas de descaminhos”, por assim dizer), por outro faria, transformando-se por conta do novo contexto, com que a pauta nacionalista acabasse por incorporar ainda a onda de mudanças comportamentais, a inserção decisiva do campo cultural no contexto da cultura massificada, a “modernização autoritária” e suas reações e recusas, que marcariam os anos de autoritarismo. Reagindo a uma primeira grande onda nacionalista nestas primeiras décadas do século XXI – primeiro, por certa autonomia conquistada na primeira década, depois, pelo retorno da face mais perversa, patriarcal, misógina, homofóbica e racista, positivando uma nação que parece se esfacelar diante dos nossos olhos –, esta edição da Revista SEDA buscou reunir reflexões em torno das manifestações literárias e culturais de nacionalismo nos séculos XX e XXI.

Abrimos este *dossier* com dois ensaios de fôlego equivalente às suas extensões. O primeiro, do professor Antônio de Barros Brito Junior (UFRGS), discrimina as relações entre

nacionalismo e literatura comparada. O segundo, do poeta, médico e mestre em filosofia, Adriano Nunes, enfeixa os ataques atuais às manifestações artísticas no país. Seguimos para cinco textos que tratam de autores ou fenômenos específicos, que trazem implicações ao debate sobre o nacional ou à inconsultabilidade do cânone literário brasileiro: o professor Edson Pereira Silva (UFF) e o graduando Vinicius Campos Gorito analisam como o nacionalismo aparece em *A lição de prático* (1998), ficção científica de Maurício Luz; o mesmo Pereira Silva e Michelle Resende Duarte abordam a espinhosa e renitente questão do determinismo genético e da herança biológica, à contraluz dos inquietantes tempos distópicos atuais; o mestrando Thales Sant’Ana Ferreira Mendes (UERJ) questiona a possibilidade de uma tradição erótica na literatura brasileira; o professor Francisco José Neiva Lacerda aborda o debate nacionalista do fim do século XX, sobremodo pela canção popular; e o professor Jackson Raymundo (UFRGS) avança as possibilidades de uma poética de brasilidade encorpada na tradição dos sambas-enredo. Encerrando o *dossier*, dois ensaios mais distantes do recorte, mas também pertinentes: o graduando Rodrigo Mendes (UFRGS) versa sobre como funciona a interlocução em *Sobrevivendo no Inferno* (1997), do Racionais MC’s e o professor Lauro Meller (UFRN) abre diante dos nossos olhos o processo de tradução de “Luar do Sertão” (1914), canção que aponta, do Rio, as saudades de um sertão que ganharia força e forma ao longo do século XX na composição do Brasil.

Esperamos que o leitor que tenha em mãos este *dossier* encontre tanto prazer na leitura quanto o que nós tivemos em organizá-lo. Que possa ainda, à luz dos textos aqui reunidos, pensar sobre a espinhosa questão da nacionalidade brasileira e sua atualidade. Uma das forças da universidade pública é analisar e questionar a conjuntura a partir das reflexões acumuladas autonomamente. Não é fortuito, portanto que tenha recebido ataques de forças que não querem uma nação heterogênea.

Roberto Bozzetti e Guto Leite

Professores responsáveis pelo *Dossier*